

PREFÁCIO

Saúdo e felicito a Lucerna pela boa ousadia de traduzir em língua portuguesa o título *Romper a solidão – Sobre a memória cristã* de D. Erik Varden, OCSO, monge trapista e agora bispo-prelado da Prelatura Territorial Católica Romana de Trondheim na Noruega.

O mundo contemporâneo perdeu o primado da interioridade. Todavia a interioridade é a força que faz despertar a esperança e assumir a responsabilidade de estar à altura dos desafios da vida. O futuro está na interioridade e sem memória não há esperança.

A solidão, tal como a sede, atormenta. Porém, o Evangelho exorta-nos a fazer memória, ou melhor, a (re)cordar, isto é, a tornar presente ao coração a nossa realidade última para a comunhão plena. Uma solidão habitada, como fonte de vida, experimenta que «a unidade implica solidão, e daí a necessidade de estar fisicamente só» (Thomas Merton).

Na pedagogia da oração reveste-se de particular importância o silêncio, que é parte integrante da celebração litúrgica e da busca incessante de Deus. No ritmo da celebração são necessários o recolhimento, a interiorização e a oração interior. Juntamente com a palavra

e com o canto, o silêncio é outra das grandes dimensões simbólicas da Liturgia.

A Igreja tem dado uma especial atenção ao silêncio como momento de ação litúrgica em que cada um tem na sua mão o silêncio orante dos outros. A redescoberta do silêncio na Liturgia surge como uma modalidade concreta da participação ativa dos fiéis. O silêncio é, pois, uma condição para uma autêntica celebração litúrgica: «se alguém me perguntasse onde começa a vida litúrgica, eu responderia: com a aprendizagem do silêncio. Sem o silêncio não existe a seriedade e tudo é vão» (Romano Guardini).

O silêncio é transportável, porque tem o seu lugar no coração. O diálogo entre Deus e os seres humanos exige momentos de silêncio. Estes não constituem um vazio na oração, mas uma presença diante de Deus que nos fala, aqui e agora. Na celebração da Eucaristia, o sacramento dos sacramentos, assume particular relevo o silêncio. De facto, a oração, com os vários aspetos de louvor, súplica, invocação, grito, lamento, ação de graças, nasce a partir do silêncio.

Só o silêncio torna possível a escuta ativa, ou seja, o acolhimento em si, não só da Palavra, mas também da presença de Cristo que fala nas Escrituras. O silêncio é a linguagem do amor e da profundidade. Deste modo, o silêncio é garante da interioridade.

Para o Cristianismo, o silêncio é uma dimensão não apenas antropológica, mas teológica. Santo Inácio de Antioquia, referindo-se aos mistérios de Deus, diz que estes foram realizados no silêncio e que Cristo é «a Palavra que provém do silêncio». Da experiência litúrgica do silêncio, o cristão é convidado a passar à espiritualidade do silêncio, como dimensão contemplativa da vida.

Segundo D. Erik, o objetivo do livro é a memória cristã, ou melhor de identidade, a partir do coração, como o lugar do encontro. A articulação do texto nasce de seis mandamentos bíblicos para recordar, ou seja, para tornar presentes ao coração: «Lembra-te que és pó e ao pó voltarás» (cf. Gn 3, 19); «lembra-te que foste escravo no Egito» (cf. Dt 15, 15); «recordai-vos da mulher de Lot» (cf. Lc 17, 32); «Fazei isto em memória de Mim» (cf. Lc 22, 19); «o Paráclito recordar-vos-á

todas as coisas» (cf. Jo 14, 26); «não esqueçam o Senhor» (cf. Dt 6, 12).

A terceira recordação conduz-nos à liturgia da Missa, qual compêndio de teologia eucarística que consolida o centro, que é Jesus Cristo. Na verdade, «Cada celebração da Eucaristia é imaculada e original. Não se trata da repetição de uma *performance*, mas da reapresentação de uma *première*» (p. 77). Por este motivo, falar de recordação é falar de identidade e de humanidade.

Tudo é graça! Esta convicção leva D. Erik a exortar: «Tenho de aprender a responder à graça com a graça, a não dar nada por garantido e, assim, ser capaz de receber tudo como um dom» (p. 44).

A música é lugar de encontro, pois «a música brota do silêncio e volta ao silêncio», porque «a verdadeira música é, na realidade, a articulação do silêncio», costuma lembrar o autor.

A leitura deste aprazível livro desafiou-me a revisitar a segunda sinfonia de Gustav Mahler (1860-1911), em dó menor, a conhecida sinfonia da Ressurreição. A monumental sinfonia de Mahler segue o itinerário espiritual do seu autor, passando da angústia e da amargura à imaterialidade libertadora da Ressurreição. A cruz gloriosa do Ressuscitado é resposta ao desejo inapagável ou à sede de eternidade que existe em cada pessoa.

As cicatrizes de todos os que sofrem são as cicatrizes do Crucificado ressuscitado. Com efeito, «se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas de facto Cristo ressuscitou de entre os mortos, e tornou-se as primícias dos que dormem» (1Cor 15, 19-20). Por esta razão, o silêncio da solidão (*solitudinis silentio*) é habitado pelo infinito e desponta como uma ferida aberta.

O livro é dedicado ao padre Michael Kayal, um padre católico arménio de Alepo, na Síria, que foi raptado e não se sabe o que lhe aconteceu. O padre Michael ajudou os mais pobres dos pobres e foi vítima do *mysterium iniquitatis*, o mal ilógico da guerra.

A harmonia entre o primado da Palavra de Deus, a centralidade da Eucaristia, a contemplação da vida, a ação pastoral, a missão

· Romper a solidão ·

evangelizadora, a caridade autêntica dá sentido de plenitude à existência cristã, na qual a solidão se abre ao encontro em Cristo e com os irmãos, para viver plenamente em Cristo e acreditar na sua Ressurreição.

+ José Manuel Cordeiro
Arcebispo Metropolitano de Braga